

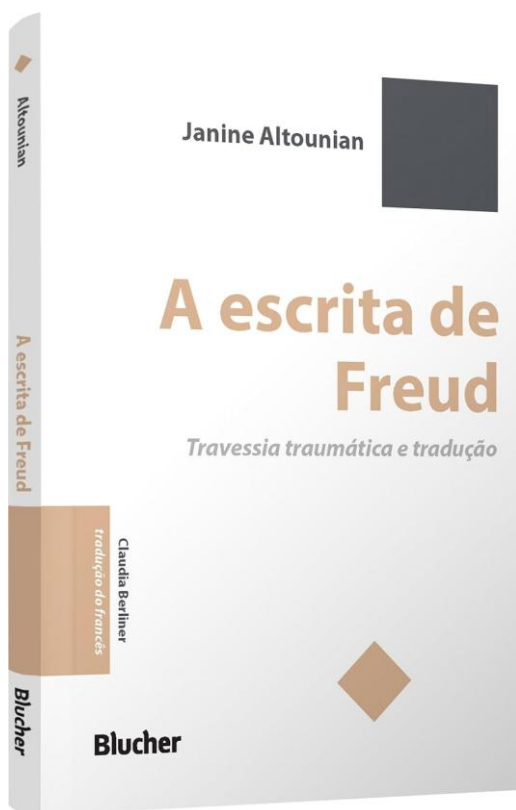
Um frasco de óleo de sobrevivência

A bottle of survival oil

Un frasco de aceite de supervivencia

Alexei Indursky*

Resenha de Altounian, J. *A escrita de Freud: travessia traumática e tradução*. São Paulo: Blucher, 2025



Quais desafios recaem sobre os sobreviventes de um genocídio? Talvez essa seja uma das perguntas que possa sintetizar o trabalho e obra de Janine Altounian, tradutora e escritora, que acaba de ter o livro *A escrita de Freud: travessia traumática e tradução* publicado no Brasil pela editora Blucher, na tradução de Claudia Berliner. Descendente de família armênia, Janine teve grande parte de sua família dizimada pelo império turco-otomano naquele que seria tardiamente reconhecido como o primeiro genocídio do século XX na Europa. Seu pai, um dos únicos familiares a escapar do massacre, fez como muitos sobreviventes e fechou-se num ostracismo arraigado, somente rompido por lamentos melancólicos dos idos tempos de Armênia. Do horror do genocídio nunca proferiu palavra. Não foi sem surpresa, portanto, que quando de sua morte, Janine deparou-se, no fundo de um armário, com um pergaminho escrito em armênio pelo pai. Nele

figurava o testemunho até então insólito, em que ainda muito jovem, o pai viveu a chegada do exército turco na cidade natal de Bursa, sendo deportado aos campos de refugiados em Alayout, até sua adoção forçada na cidade de Racca.

Como nos ensina Freud, inspirando-se em Goethe, para tornar-se herdeiro é preciso apropriar-se.

Pois bem, o primeiro trabalho de Janine começou precisamente pelo desafio de aprender a língua paterna, que lhe restara interditada nos anos de convívio com ele. Seu escrito inaugural *Ouvrez-moi seulement les chemins d'Arménie: un génocide aux déserts de l'inconscient* [Abram-me apenas os caminhos da armênia: um genocídio nos desertos

* Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade Paris VII, Sorbonne, Denis-Diderot, França. Coordenador técnico do Projeto Clínicas do Testemunho/Instituto Appoa-RS/Comissão de Anistia/Ministério da Justiça (2016–2017).

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5464-7975>

E-mail: alexei.indursky@gmail.com

do inconsciente], inédito no Brasil, narra o percurso de revisitar a língua paterna afim de traduzir sua herança ao francês. Traduzir, para Janine, implicou desde cedo não apenas tornar-se herdeira, mas igualmente impedir que a história de sua família e de seu povo fosse relegada ao esquecimento, ou pior, à eliminação genocida. Entre o silêncio melancólico paterno de querer tudo esquecer do horror e o dever de tudo contar advindo das lutas por verdade, memória e justiça, ela se pergunta sobre os efeitos da tarefa de traduzir em sua vida. Entre o impossível do apagamento total e o impossível de traduzir uma experiência cujos fatos, língua e palavras lhe escapam, onde se situar?

Para responder a essa e outras tantas perguntas, ela começa um processo de análise pessoal e logo uma formação em psicanálise. Um dos desenlaces desse percurso é o convite de Jean Laplanche, importante psicanalista francês no meio acadêmico e editorial de então, para que ela compusesse a equipe de tradução das Obras Completas de Sigmund Freud pela Presses Universitaires de France (PUF). *A escrita de Freud* é fruto desse encontro decisivo na vida de Janine com a obra freudiana e a tarefa, doravante inescapável, de traduzir.

Lançada em 2003 na França, essa coletânea de ensaios reúne as primeiras elaborações sobre os desafios de traduzir Freud do alemão ao francês, nos quais destaca a forte pregnância de temas como *trauma*, *exílio*, *tradução* no léxico freudiano destinados a fazer metáfora sobre o inconsciente. Se é verdade que tanto o exílio quanto a hipótese do inconsciente implicam um descentramento do sujeito, Janine irá demonstrar que não foi necessário a Freud experienciar tais eventos em primeira mão para que a temática emergisse em sua pena. Por exemplo, em *Conferências introdutória à psicanálise* (1916-17), Freud irá referir-se à libido como “um povo que abandona seu território em busca de uma nova morada”. Ou ainda em *Sintoma, inibição e angústia* (1926), que o sintoma é um “corpo que goza de uma extraterritorialidade”. Ou até mesmo nas cartas a Fliess, em que Freud vai falar do recalçamento como um processo de recusa de tradução entre as tópicas, em que sempre há *fueros*, furos do real impossível de ser simbolizado pelos processos primário e secundário.

Preciosas passagens que, por certo, quem lê há de ter notado, não se restringem aos textos ditos sócio-antropológicos de Freud. Argumento que, sabemos, ainda é utilizado por certos psicanalistas, quando pretendem afirmar uma certa pureza da teoria a ser distinguida das contingências culturais e políticas que lhe serviram de berço. Nesse precioso trabalho de elaboração do traduzir, Altounian nos deixa claro que a escrita psicanalítica está desde sempre permeada pelas tintas do político, sendo o próprio léxico do inconsciente seu fruto inapelável. Mais ainda, para a autora, a escrita de Freud testemunha o complexo movimento de tradução sobre o qual o inconsciente se funda, sendo a tarefa de traduzir tal escrita uma nova travessia em si, que coloca em ato, por sua vez, tal como no trabalho psíquico do exilado, a tarefa de não esquecer os primeiros objetos que foi necessário abandonar para reinvesti-los em uma nova terra. Notável imagem: a tradução de Freud em nova língua como um reinvestimento psíquico em novas espaço-temporalidades.

Rumos promissores de um trabalho de investigação que, não por acaso, serão revisitados em 2005 em *O intraduzível: luto, memória, transmissão*, numa nova tentativa de enlaçar sua posição de herdeira tradutora e tradutora psicanalítica. Desta feita, a autora irá retomar o testemunho de seu pai, tal como num processo analítico, em que precisamos de algumas voltas para que alguma inflexão se produza na posição desde a qual narramos nossa história. Para tanto, a cena que ela elege como mote é a do frasco de óleo de rosas, único objeto familiar que resta em posse de seus avós nos campos de refugiados de Alayout. Como sabemos, a perda dos pertences e objetos familiares é uma questão cara

aos refugiados e perseguidos em catástrofes coletivas, que frente ao desterro e despossessão apegam-se a tais objetos transformando-os em verdadeiras relíquias que passam a carregar um sem-número de investimentos afetivos e histórias que restarão à espera de um herdeiro à altura de traduzi-los, isto é, reinventá-los.

Com o frasco de óleo em questão não é diferente: fruto do trabalho artesanal da família Altounian nas plantações de rosa de Bursa, tal frasco era o único objeto que escapara à violência do exército turco e dos saqueadores nos campos de refugiados devido, talvez, a seu aparente pouco valor comercial. No entanto, será precisamente esse frasco de óleo que permitirá honrar a memória de seu avô falecido, famélico e desnutrido, no campo de refugiados. Após terem trocado todos os livros da família que haviam conseguido transportar consigo, o pai de Janine decide vender uma parte do dito óleo aos soldados do campo em troca da possibilidade de oferecer-lhe um enterro digno, salvando-o assim da voracidade dos coiotes noturnos que atacavam as valas comuns de cadáveres de refugiados. Outra questão crucial para aqueles em exílio, que muitas vezes se veem impedidos de demarcar minimamente um ritual de luto de um ente querido. Na sequência, a avó orienta o pai a pegar a outra porção de óleo e barganhar mais alguns trocados, que garantiriam a “adoção” do filho por um comerciante árabe que o levaria à cidade de Racca, única forma de sobreviver à desumanização dos campos. Seu pai sobrevive e, após alguns meses, consegue convencer o comerciante árabe a trazer sua mãe para a mesma cidade, responsabilizando-se pela saúde dela frente ao comerciante e realizando, ainda muito jovem, uma inversão na ordem genealógica dos cuidados à mãe, tão recorrente quanto desafiadora aos sujeitos exilados.

Precioso trabalho de apropriação de uma herança arredia e não evidente. A artesanaria familiar da vida de outrora, o óleo de rosas, servindo como garante do luto dos ancestrais e da sobrevivência da nova geração. História familiar que inicialmente fora pensada pela autora como silenciada ou fragmentada, mas que a partir do trabalho de tradução e do trabalho psíquico de elaboração deste se abre em novos caminhos de retorno à herança: *abram-me apenas os caminhos da armênia*.

Curioso notar que um dos traços que são ressignificados nessa volta é precisamente o silêncio do pai que, não raro, resignava-se ao trabalho, quando não ao lamento. Acontece que o ofício que este escolheu desempenhar na terra de asilo, na qual constituiu família, foi precisamente um trabalho artesanal, alfaiataria. É nessa segunda volta que Janine se dá conta da transmissão operada entre a manufatura do óleo de rosas dos avós e o ofício de alfaiate do pai.

Tema caro da transgeracionalidade do trauma, em que cabe ao herdeiro, frente à escassez ou, por vezes, ao excesso de narrativas e imagens de horror, a tarefa de inumar os restos da catástrofe, para conseguir, somente num segundo ou terceiro tempo e espaço, traduzir os significantes enigmáticos deixados pela geração anterior. Trabalho de luto que transforma a melancolia do pai taciturno num longo e meticuloso trabalho artesanal de transmissão, cujos sentidos só podem ser conhecidos a posteriori. Nas suas palavras:

A emoção mais insuportável que me impeliu a escrever o final desta história foi a que senti diante dos vestígios deixados por suas mãos e pela fé artesanal: a renda aristocrática tricotada pela avó, os bordados de esperança em buquês feitos por minha mãe, a atenção diligente que meu pai dedicava aos tecidos da oficina, aos materiais de proteção da casa, ao aprendizado do violino. Com rigor e respeito, eles sacralizavam os ritmos da vida.

Se Freud nos ensina que todo herdeiro é uma espécie de tradutor fracassado dos desejos parentais que lhe engendraram, sempre aquém de remontar por completo o fio de sua genealogia familiar, a obra de Janine Altounian vêm nos demonstrar a importância de fazer face a esse impossível, sobretudo nos contextos de catástrofes coletivas em que a violência genocida procura precisamente eliminar os traços e a cultura do outro. Se muitas

vezes pensamos a sobrevivência como algo da ordem da necessidade física e biológica, sua obra vem complicar essa tese, demonstrando não apenas a imensa extensão do trauma, mas igualmente a indestrutibilidade do desejo em forma de herança testemunhal.

No momento em que testemunhamos absortos o desdobramento de um genocídio em curso, em que o povo palestino resiste a duras penas à eliminação promovida pelo governo de Israel, eis um frasco de óleo de sobrevivência que nos chega às mãos. Mais do que um livro, a obra de Janine nos dá pistas do importante e meticuloso trabalho de resistência e elaboração que se seguirá nos próximos anos.

Referências:

- Altounian, J. (1990). *Ouvrez-moi seulement les chemins d'Arménie: un génocide aux deserts de l'inconscient*. Paris: Les belles lettres, 2003.
- Altounian, J. (2005). *L'intraduisible: deuil, mémoire, transmission*. Paris: Dunod.
- Altounian, J. (2003). *A escrita de Freud: escrita traumática e tradução*. Trad. C. Berliner. São Paulo: Blucher, 2025 (série “pequena biblioteca invulgar”).

Citação/Citation: Indursky, A. (2026). *Um frasco de óleo de sobrevivência* (Ano XVIII, no.1), pp. 142-145.

Recebido em:02/03/2026
Aprovado em:01/09/2026